

## **Da tela ao celular: a captação de imagens no telejornalismo e as mudanças impostas com a pandemia de Covid -19**

**From the screen to the cell phone: the capture of images in television news and the changes imposed with the pandemic of Covid-19**

**De la pantalla al celular: la captura de imágenes en el teleperiodismo y los cambios impuesto con la pandemia del Covid-19**

**Bernadete Coelho de Sousa**

Universidade Federal de Goiás – GO – Brasil

*Endereço currículo Plataforma Lattes:* <http://lattes.cnpq.br/2491726907374731>

*E-mail:* [bernadetesousa@pucgoias.edu.br](mailto:bernadetesousa@pucgoias.edu.br)

**Resumo:** Este artigo apresenta uma discussão sobre a evolução na forma de captar imagens no telejornalismo ao longo dos anos. Vários fatores, entre eles os avanços tecnológicos, fizeram a captação de imagem mudar e se adaptar a novas normas, que eventualmente se inserem nos manuais de telejornalismo usados na academia. Essa relação ganha uma nova variável em função da pandemia do novo coronavírus. As emissoras e os jornalistas tiveram que se adequar a nova realidade de estar longe do entrevistado e sem o domínio de planos enquadramento, iluminação e uso microfone. As narrativas, já atravessada por novas pautas também sofre mudanças no uso das imagens. A janela aberta para o mundo se expande e encolhe diante das novas possibilidades.

**Palavras chave:** Imagem. Televisão. Evolução. Telejornalismo. Pandemia.

**Abstract:** This article presents collaboration with the discussion about the evolution in the way of capturing images in television news over the years. Several factors, including technological advances, have made image capture evolve and some standards have emerged. These conventions ended up being part of television news manuals used in the academy. The work also addresses the changes in the capture of images from television news due to the pandemic of the new coronavirus. Broadcasters and journalists had to adapt to the new reality of being far from the insecure and without the mastery of plans and framing, lighting and use of the microphone. It is on the screen that the greatest transformation of the narratives takes place. The window open to the world expands and shrinks in face of the new possibilities of narrating the facts and making interviews mainly on the news.

**Keywords:** Image. Television. Evolution. Telejournalism. Pandemic.

**Resumen:** Este artículo presenta una discusión sobre la evolución en la forma de capturar imágenes en el teleperiodismo a lo largo de los años. Varios factores, incluidos los avances tecnológicos, hizo que la captura de imágenes cambiara y se adaptara a las nuevas normas, lo que eventualmente se insertan en los manuales de teleperiodismo utilizados en la academia. Esta relación gana nueva variable debido a la pandemia del nuevo coronavirus. Las emisoras y Los periodistas tuvieron que adaptarse a la nueva realidad de estar lejos del entrevistado y sin el dominio del encuadre plano, la iluminación y el uso del micrófono. Las narraciones, ya atravesado por nuevos lineamientos, también sufre cambios en el uso de las imágenes. La ventana abierta al mundo se expande y se encoge ante nuevas posibilidades.

Palabras clave: Imagen. Televisor. Evolución. Teleperiodismo. Pandemia.

## 1 Introdução

De repente o mundo virou de cabeça pra baixo. Um vírus que rapidamente se alastrou como uma pandemia, espalhando medo, influenciando a rotina de milhões de habitantes do planeta e mudando as relações pessoais e de trabalho. Uma das medidas recomendadas foi (e é) o isolamento social e o chamado *home Office*<sup>1</sup>. A mudança afetou também quem trabalha nos noticiários de televisão, obrigando as emissoras e profissionais de imprensa a usar a criatividade para dar

---

<sup>1</sup>. Muitas pessoas que trabalhavam diariamente em escritórios e outros espaços coletivos tiveram que mudar sua rotina e utilizar uma parte do espaço doméstico como escritório ou local de trabalho.

informações. O objetivo dessa reflexão é fazer um percurso histórico sobre estas mudanças, principalmente nos aspectos relativos à captação de imagem. A tela da TV se tornou um espaço bem mais democrático em termos de técnicas de enquadramento e planos e até mesmo cenário.

Esse artigo parte da observação não participante de telejornais nacionais e locais, que em uma situação diferenciada da produção voltada para os telejornais de veiculação nacional, tiveram que buscar alternativas para trabalhar com a imagem e dar a informação necessária. O celular e as chamadas de vídeo, usados de forma esporádica anteriormente, passam a fazer parte da rotina jornalística das redações. O resultado disso é uma sequência de novidades, antes desconhecidas pelos autores dos manuais de telejornalismo. Neste trabalho serão analisadas principalmente nas questões que sobre a condução de reportagens e entrevistas, situações nas quais o próprio entrevistado passou a usar a tela do celular e do computador para colaborar e/ou narrar às histórias.

## **2 A televisão e o telejornalismo**

Falar sobre televisão exige múltiplas abordagens e. Machado (2005) apresenta duas maneiras de tratar a televisão: o modelo Adorno e o modelo McLuhan. Segundo o autor, se para Adorno a televisão é congenitamente “má”, não importando o que ela efetivamente veicula para McLuhan a televisão é congenitamente “boa” nas mesmas condições. O autor arremata explicando que:

Em resumo, para o grupo adorniano, a televisão é por natureza “má” mesmo que todos os trabalhos mostrados em suas telas fossem da melhor qualidade, enquanto para o grupo de mcluhanianos a televisão é por natureza “boa” mesmo que só existisse porcaria em suas telas. Isso quer dizer que os adornianos atacam a televisão pelas mesmas razões que os mcluhanianos a defendem: por sua estrutura tecnológica e mercadológica ou por seu modelo abstrato genérico, coincidindo ambos na defesa do postulado básico de que televisão não é lugar para produtos “sérios”, que mereçam ser considerados em sua singularidade. Creio que já é tempo de pensar a televisão fora desse maniqueísmo do modelo ou da estrutura “boa” ou “má” em si. (MACHADO 2005, p.19)

Machado (2005) acrescenta ainda que, dessa forma quando se fala em televisão é preciso saber exatamente o que cada pessoa entende por esse termo relacionando, e como a televisão está relacionada com experiências audiovisuais e cultura televisual. Para bem ou para o mal certo é que a televisão é, apesar de toda as concorrências com outras mídias, a principal fonte de informação dos brasileiros. É nesse contexto que o telejornalismo se destaca.

Temer (2014) define telejornalismo como “a prática de coletar informações sobre eventos atuais, redigir, editar e publicar estas informações de forma adaptada aos limites e possibilidades da televisão” (TEMER 2014 p 185). Entretanto a autora ressalta que essa relação não deve ser vista de forma simplista, até porque o telejornalismo “é uma parte da história do desenvolvimento social e político da televisão estando presente desde os primeiros anos do veículo”. (TEMER 2014, p 185). Neste contexto, o telejornalismo é:

um gênero modelar da televisão, pois ao mesmo tempo em que é uma construção social ele possui uma expressão econômica, política, social e cultural particular, que se exprime a partir dos interesses e de uma relação de forças das mídias/empresas jornalísticas e das pressões das outras instituições sociais e do próprio público/audiência. (TEMER, 2014 p. 196)

Vizeu e Correia (2008) vão defender a ideia do telejornal como lugar de referência para os brasileiros assim como a família, os amigos, a escola, o consumo. segundo essa percepção, entender o telejornalismo envolve três momentos: um lugar de construção do real, o conhecimento do telejornalismo e a produção do conhecimento. (VIZEU e CORREIA, 2008, p. 12)

### **3 A televisão e as primeiras imagens dos telejornais**

Uma vez que este estudo está centrado na captação das imagens, nos interessa ressaltar a evolução da imagem na tela da TV, desde os primórdios até os dias atuais, sempre considerando que o veículo foi obrigado a repensar suas narrativas em função das limitações técnicas, e que agora se reformula em função dos limites impostos pela pandemia do coronavírus. Quando desembarcou no Brasil em 18 de setembro de 1950 a televisão chega vinculada ao capital privado e, conseqüentemente, a predominância do

gênero entretenimento. O telejornalismo tem pouca presença na grade de programação, mas seu impacto e relevância política alavancam seu *status*. Inicialmente o modelo adotado era *um rádio feito com imagens*. Essa relação não é fortuita: a televisão foi buscar no rádio técnicos, locutores e artistas para se estruturar.

Mas as características do meio também se manifestavam. O jornalismo na TV começou com um programa com um nome bem sugestivo: *Imagens do Dia*. No entanto, embora exista uma concordância no nome, o telejornalismo já nasce com um desentendimento histórico. Alguns autores, incluindo Paternostro (1999), afirmam que o *Imagens do Dia* nasceu 19 de setembro, um dia após a inauguração da TV no Brasil. Outros, como Rezende (2000), vão afirmar que o *Imagens do Dia* nasceu 20 de setembro na estação pioneira TV Tupi canal 6 de São Paulo. Rezende acrescenta ainda que:

A pequena equipe formada pelo redator e apresentador Ruy Resende e os cinegrafistas Jorge Kurjan, Paulo Salomão e Afonso Ribas produzia todas as noites um noticiário que “[...] constava numa sequência de filmes dos últimos acontecimentos locais.

E ainda que o desfile cívico – militar pelas ruas da São Paulo foi a primeira reportagem filmada e exibida. (REZENDE 2000, *apud* SAMPAIO, 1971 p. 23)

Sobre o *Imagens do Dia* Paternostro (1999) vai dizer que o telejornal era feito basicamente com uma locução em *off* de um texto estilo radiofônico, e entrava no ar entre as nove e meia e dez da noite sem preocupação rigorosa com horário:

O formato era simples, Rui Resende era o locutor produtor e redator das notícias e algumas notas tinham imagens feitas em filme preto e branco sem som. O *Imagens do Dia* ficou no ar por pouco mais de um ano quando foi substituído pelo Telenoticias Panair, um telejornal pontual que ia ao ar à nove e meia da noite, mas que durou pouco. (PATERNOSTRO, 1999 p. 35)

Nessa fase inicial da TV os telejornais eram rudimentares e sem grandes atrativos e mesmo tendo como aliada a imagem, não tinha linguagem própria nem mesmo noção mais sofisticada dos recursos de imagem. De fato, os cenários dos telejornais tinham como fundo uma cortina e uma cartela com o nome do patrocinador. Sobre essa fase, Rezende (2000) vai dizer que “era totalmente baseada na fala com

pouca visualização”, acrescentando que existiam muitas falhas, mas que a repercussão era pequena devido ao reduzido número de aparelhos receptores.

Possuir um televisor, naqueles tempos, simbolizava “regalia” e *status* medido pelo número de televisinhos cada vez mais crescente à medida que o hábito de ver televisão se espalhava.

Por causa dos obstáculos que impediam as coberturas externa, o jornalismo direito do estúdio, “ao vivo”, ocupava quase todo tempo dos noticiários. (REZENDE, 2000, p. 106)

Em pouco tempo o telejornal evoluiu e passou a usa a câmera de filmar era a 16 milímetros sem som direto e era o que de mais moderno o telejornalismo tinha a disposição. Depois da filmagem era preciso revelar o filme, montar e transmitir as imagens dos fatos o que sofria um atraso de até 12 horas entra o acontecimento e sua divulgação nos telejornais. A figura 1 mostra um modelo de câmera de 16 milímetros destinada a cinegrafistas amadores mas utilizada para captação de imagens para os telejornais.

**Fig. 1** – Modelo de filmadora 16 milímetros.



**Fonte:** Imagem capturada na rede<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/16\\_mm](https://pt.wikipedia.org/wiki/16_mm). Acesso em: 20/04/2021.

Rezende (2000) vai explicar que essa situação só teve alguma alteração com a chegada do Repórter Esso lançado em 1953 em São Paulo.

...em que o apoio de um anunciante de grande porte e o acordo com uma agência de notícias norte americana a United Press International (UPI) proporcionou a libertação da narração exclusivamente oral e o uso mais frequente de matérias ilustradas. (REZENDE, 2000 p 107)

No ano seguinte os cariocas também ganharam uma versão do Repórter Esso apresentado por Gontijo Teodoro um conhecido locutor de rádio. Segundo Paternostro (1999) nessa época o telejornalismo começava a esboçar uma linguagem e uma narrativa mais televisiva.

[...]o texto era objetivo, o apresentador enquadrado no plano americano e tinha horário fixo para entrar no ar, oito da noite. A abertura do noticiário ficou famosa: “Aqui fala seu Repórter Esso, testemunha ocular da história”. O Repórter Esso foi um dos programas de maior sucesso da história da televisão brasileira. (PATERNOSTRO, 1999, p. 35)

Marcondes Filho avalia que no começo da televisão no Brasil e seus programas entre eles o telejornalismo, foi bastante modesto. Segundo o autor nesta primeira fase os profissionais ainda não tinham nem experiência nem treinamento para usar a nova tecnologia. E a TV buscava um espaço entre o rádio e o cinema. (MARCONDES FILHO, 1994p 27)

O salto para o desenvolvimento da televisão e do telejornalismo viria em 1960 com a chegada do vídeo tape. Paternostro (1999) considera essa a fase da consolidação da TV no Brasil: a TV adquire um caráter comercial e começa a disputa por audiência. Segundo a autora, a TV Tupi de São Paulo foi a primeira a usar a novidade tecnológica na festa de inauguração de Brasília e a gravação foi mostrada em várias cidades.

Estava instaurada a revolução do VT: operações atualizadas, racionalização da produção, economia de custo e de tempo, melhor qualidade nos programas. Nessa época as primeiras máquinas de vídeotape tinham dois metros de altura e pesavam quase uma tonelada. As fitas de gravação tinham duas pegas de largura. (PATERNOSTRO, 1999, p. 30)

A figura 2 mostra uma máquina antiga de vídeo tape cuja descrição se aproxima muito da que foi feita por Paternostro. Uma máquina grande pesada, mas que representou um marco no uso de imagens gravadas na TV brasileira.

Fig. 2 – Máquina de Vídeo Tape



Fonte: Imagem capturada na rede<sup>3</sup>

Entretanto nessa fase Rezende (2010) afirma que a mudança na linguagem televisiva só era visível em novelas e shows. O telejornal usava imagens de mapas ou fotos e raramente o videoteipe. O autor diz ainda que essa inadequação fez o crítico de TV Luis Lobo questionar a eficiência do telejornalismo com um comentário bem pertinente: “Ler um papel frente às câmeras não é informar. Mostrar uma foto que todo mundo já viu também não. Jornalismo de televisão tem que ser muito mais” (REZENDE 2010 p 58 *apud* LOBO, 1969)

<sup>3</sup> Disponível em: <http://giscreatio.blogspot.com/2011/05/historia-da-filmadora.html>. Acesso em: 20/04/2021.



Uma tentativa de inovar na linguagem do telejornalismo foi o Jornal de Vanguarda da TV Excelsior, criado em 1962 pelo jornalista Fernando Barbosa Lima. O telejornal foi um marco porque abandonou o estilo radiofônico introduzindo jornalistas vindos do impresso como produtores, apresentadores e cronistas especializados. A imagem era bem cuidada com um visual dinâmico e o destaque eram as caricaturas de Appe e os bonecos falantes de Borjalo (REZENDE 2010). O programa chegou a ganhar o prêmio Ondas de melhor telejornal do mundo, em 1963. Entretanto a equipe decidiu retirar o telejornal do ar após o golpe de 64

A análise de percurso dos primeiros anos aponta que do telejornalismo não nasceu com linguagem própria e ao longo dos anos foi buscando opções que explorasse satisfatoriamente a imagem. Marcondes Filho afirma que a evolução da linguagem da TV tem muita relação com a concorrência entre as emissoras e a busca pela liderança da audiência. Para o autor o desenvolvimento da televisão nos anos de 1970 está relacionado especialmente à liderança da Rede Globo empresa que introduziu uma nova visão de produção, reprodução de sinais e visão empresarial. (MARCONDES FLHO 1994 p29)

No telejornalismo essa afirmação ganha forma na veiculação em setembro de 1969 do primeiro noticiário em rede nacional da televisão: o *Jornal Nacional*. O telejornal era gerado a partir do Rio de Janeiro para emissoras em vários pontos do país, ao vivo através do sistema da Embratel. Segundo Paternostro (1999) o estilo de linguagem e narrativa e a figura do repórter de vídeo eram inspirados no modelo americano. A figura 3 mostra a dupla pioneira de apresentadores do Jornal Nacional Cid Moreira e Hilton Gomes. O cenário simples faz contraste com a Figura 4.

**Fig. 3** – Cenário do Jornal Nacional 1969.



**Fonte:** Imagem capturada na rede<sup>4</sup>

A Figura 4 mostra o atual cenário do Jornal Nacional apresentado por Willian Boner e Renata Vasconcelos. Apesar de diferenças históricas, a proposta do Jornal Nacional é transmitir uma percepção de modernidade, em geral valorizando o tom acinzentado para remeter a idéia de espaço/transmissão via satélite. Mais recentemente, o fundo azul emoldura os jornalistas que apresentam as notícias de um mezanino com a redação ao fundo.

**Fig. 4** – Cenário do Jornal Nacional 2017.



**Fonte:** Imagem capturada na rede<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/antes-de-estrear-jornal-nacional-quase-foi-substituido-pelo-reporter-esso-na-globo-28444>. Acesso em: 20/04/2021.

Sobre essa estrutura visível Temer vai dizer que:

Os telejornais seguem um esquema rígido, no qual o noticiário/apresentador introduz o repórter, que por sua vez abre espaço para os entrevistados evidenciando o nível hierárquico de cada um deles dentro do telejornal. Neste modelo (ou padrão) cada participante tem um papel ou uma representação determinada- o âncora – apresentador ou noticiário (sozinho ou em dupla) é uma espécie de fio condutor, pai simbólico ou personagem principal que delimita o espaço dos demais personagens. (TEMER, 2014, p. 197)

Ainda sobre os telejornais Temer explica que esse gênero modelar trabalha com dois discursos e ambos são importantes: a linguagem imagética e o texto verbal. Sobre os dois Temer vai dizer que:

O texto imagético é sedutor, pois aparentemente é mais fácil de ser decodificado. No entanto, sua função principal não é explicar, é mostrar, deslumbrar, conquista a atenção.

O texto oral, por sua vez, legitima as imagens: frases curtas na ordem direta, informações rápidas por meio da voz ativa, em verbos sempre no tempo presente e no modo indicativo, que se sucedem ( e se repetem ) em ritmo acelerado, reforçando ainda mais a noção de urgência e de objetividade , que tende a complementar e ancorar o discurso imagético.(TEMER 2014,p. 212)

Rezende (2000) vai dizer que a imagem é um traço específico da televisão que a distingue de outros meios e lhe dá um *status* elevado. “A força da mensagem icônica é tão grande que, para muitas pessoas, o que a tela mostra é o que acontece, é a realidade”. O autor diz ainda que o fato de ter a informação visual como ingrediente tão importante determina com que haja um entrosamento entre texto e imagem. (REZENDE, 2000 p 76)

A relação abordada por Temer (2014) e Rezende (2000) se reflete também nos manuais de telejornalismo afetando a formação dos profissionais e moldando as técnicas do fazer telejornalístico. Os manuais destacam o cuidado com a captação de imagens e do repórter em frente às câmeras.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/51067-novo-cenario-do-jornal-nacional>. Acesso em: 20/04/2021.

#### **4 A captação da imagem e os manuais de telejornalismo**

No Manual de telejornalismo: os segredos da notícia, dos autores Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima (2002) informam os aspectos essenciais para a formatação de uma reportagem, incluindo a elaboração da pauta, o texto, além de abordar também a forma de fazer uma entrevista e o comportamento dos noticiaristas. Destaca-se no livro é conceito que eles chamam de repórter “abelha” ou vídeorepórter. O repórter abelha “é aquele que filma entrevista, conta a história, edita e pode até apresentar a reportagem que fez. (Barbeiro e Lima 2002 p 73 e74)” Segundo os autores, essa modalidade de repórter surgiu no Brasil em 1987, na TV Gazeta de São Paulo, em um programa chamado TVMIX. Barbeiro e Lima (2002) afirmam ainda que nos Estados Unidos os “abelhas” são comuns em emissoras locais com poucos recursos.

O conceito de repórter abelha parte do conceito macluniano (Temer 2002, p. 106) de que a câmera é uma extensão do corpo do repórter. Nessa proposta as imagens colhidas devem estar sempre em movimento e os planos seqüenciais são mais longos, reduzindo ou eliminando o trabalho de edição. O *off* dá lugar a narração dos fatos que estão sendo filmados. O repórter estabelece a entrevista como processo de diálogo e conversa com telespectador procurando estabelecer uma intimidade e até envolvimento na história. Interessante notar como alguns repórteres têm usado novos recursos tecnológicos desempenhando esse papel de “abelha” com o celular na mão. Com aparelhos modernos muitas vezes com melhor resolução que uma câmera fotográfica eles paralelamente captam a imagem e narram a histórias.

No livro O texto na TV manual de telejornalismo, escrito pela jornalista Vera Iris Paternostro (1999) a segunda parte é dedicada a ensinar o leitor às práticas da redação. A autora aborda primeiramente a estrutura da TV e da força da informação visual. A autora afirma que a informação visual transmite mensagens através de uma linguagem que independe do conhecimento de um idioma ou da escrita. Paternostro diz ainda que:

Quando o telespectador liga a televisão para assistir ao telejornal ele quer saber as notícias, tomar conhecimento dos fatos através da imagem de tais fatos, quando existe uma imagem forte de um acontecimento, ela leva vantagem sobre as palavras. Ela é suficiente para transmitir ao mesmo tempo informação e emoção. (PATERNOSTRO 1999, p. 72)

A autora destaca que em telejornalismo é importante fazer com que texto e imagem andem juntos sem qualquer tipo de competição entre os dois, sob o risco da reportagem ficar redundante com um texto que descreve detalhadamente as imagens ou incompleta com lacunas de imagens que foram citadas e não foram feitas. Paternostro (1999) afirma que a imagem é parte da natureza da TV, e em telejornalismo é preciso casar a imagem e informação. (PATERNOSTRO, 1999 p 72,73)

As jornalistas Luciane Bistane e Luciane Bacelar (2005) também elaboraram um livro que traz informações para estudantes. Sobre reportagens externas que trabalham com grande parte de imagens captadas nas ruas, empresas, gabinetes ou outros locais, as duas autoras apontam que a imagem é um valor notícia em si mesma sendo fator capaz de garantir a veiculação de fatos que talvez nem fossem ao ar. As autoras explicam que fatos corriqueiros como enchentes no verão podem ganhar dimensão nacional dependendo as imagens que são produzidas. A imagem é um recorte da realidade e que desperta curiosidade e atrai a audiência.

Outro manual também usado nos cursos universitários de jornalismo é o da jornalista Olga Curado: a notícia na TV o dia- a- dia de quem faz telejornalismo (2002). O livro é dividido em quatro partes. A primeira parte é reservada a construção da notícia. A segunda parte aborda o tema redação: estrutura, papéis função e tarefas e é justamente nessa parte mais especificamente no tópico oito: história da reportagem em áudio e vídeo que reside nosso interesse em relação a este trabalho. A autora destaca que a reportagem é uma maneira de contar histórias usando recursos técnicos e explica que no jornalismo de TV a imagem dá apoio a informação. Dessa forma existem normas técnicas com as quais o repórter cinematográfico deve estar atento que se consolidam como uma *linguagem* dos programas. Um desses aspectos desta linguagem é o enquadramento que ela ainda define como:

é a posição da lente em relação ao objeto. Define a maneira como o telespectador vai ver determinada cena. A imagem fica no quadrado da tela. A ocupação desse espaço é verificada pelo repórter cinematográfico por um visor de câmera. A tela pode ser preenchida de variados jeitos segundo a perspectiva do objeto filmado. A lente da câmera define esse formato. A lente da câmera define esse o formato da tomada de cena. (CURADO, 2002, p. 107)

A autora ainda faz observações técnicas sobre a captação de imagens como, por exemplo, “dar teto”: o espaço do contorno superior da cabeça do personagem em relação ao limite da tela ou a regra dos 180 graus, segundo a qual a câmera se move em apenas uma direção a partir do traçado de uma linha imaginária. Sobretudo Curado (2002) aponta que para contar história usando a linguagem visual é preciso levar em conta que a câmera pode enfatizar ou revelar novos significados que podem ajudar a esclarecer melhor a informação dada ao telespectador. A subjetividade da informação visual pode significar também economia no texto. (CURADO 2002, p. 107 e 108)

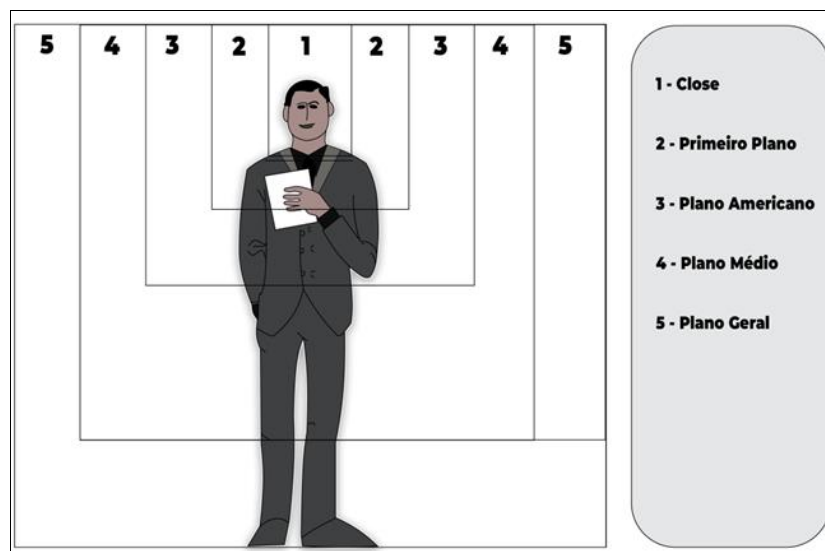
Curado (2002) também aponta aspectos relativos à iluminação reforçando que a imagem construída por uma combinação de luz e sombra e que o excesso de uma ou de outra pode atrapalhar a visão.

Para Curado (2002) as tomadas são feitas a partir de planos básicos de aproximação e distanciamento de objetos. Sobre os planos Curado vai explicar ainda que:

- Plano geral – aberto. Mostra no caso de uma pessoa o corpo todo. No caso de lugares, apresenta cenas gerais, amplas, nas entrevistas em salas e gabinetes o plano geral é feito mostrando o entrevistado, o repórter e o ambiente. -
- Plano médio- ou Plano americano- traz o objeto mais para perto. Em pessoas de pé, é a tomada da cintura para cima. É um enquadramento que está se tornando padrão para filmar a participação de repórteres nas matérias.
- Meio plano- mostra do peito pra cima. Frequentemente usado no meio de uma narrativa feita por repórter ou por apresentador.
- *Close-up* – na pessoa mostra a cabeça e os ombros. É detalhe mais aproximado do olho do telespectador. Dá ênfase a uma informação que está sendo dita pelo repórter ou pelo entrevistado. (CURADO, 2002, p. 108)

A Figura 5 mostra como é o esquema de enquadramento de TV descrito por Curado

**Fig. 5** – Esquema de Enquadramento de TV.



**Fonte:** Baseado no modelo de CURADO (2012).

### **Telejornalismo, imagens e pandemia**

O conjunto de aspectos apontados pelos estudiosos como práticas do telejornalismo tradicional começou a ser afetado quando o mundo tomou conhecimento do novo coronavírus no final de 2019.

No começo de 2020 os casos ainda foram tratados como um surto da doença, mas depois, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou situação de Emergência em Saúde Pública de Importância Internacional, posteriormente como epidemia e depois pandemia.

No Brasil, o primeiro caso confirmado de Covid-19 foi registrado em 26 de fevereiro, em São Paulo. A partir daí começaram as ações governamentais ligadas à pandemia da Covid-19. No olho do furacão para informar população sobre os perigos da doença, das mudanças provocadas por ela e as medidas governamentais (ou da ausência delas) estava o jornalismo, mais precisamente em nosso caso o telejornalismo que teve que se adaptar com ações que não estavam previstas nos manuais de telejornalismo. Uma das opções que foi

buscada incluiu obter recursos tecnológicos para continuar fazendo telejornalismo. As gravações em chamadas de vídeo antes incomuns passaram a se tornar frequentes.

A Figura 6 mostra o entrevistado em sua casa ou seu escritório conversando com o repórter de maneira remota. Mesmo de longe a informação é registrada. O entrevistado é um professor do instituto de biociências da USP Daniel Lahr falando sobre uma nova variante do coronavírus. De acordo com o esquema de Curado (2002) o enquadramento é mais que um meio plano mostrando do peito para cima.

**Fig. 6** – Entrevista Jornal Nacional dia 08 de abril pesquisador brasileiro



**Fonte:** Imagem capturada na rede<sup>6</sup>

A Figura 6 mostra a entrevista concedida dia 08/04/2021 por um pesquisador brasileiro da Universidade de Pelotas concedida ao repórter César Galvão da Rede Globo de Televisão. O tema é: pesquisadores brasileiros estão com medo de publicar estudos. O entrevistado está em um plano mais afastado, quase um plano americano o que aponta uma preocupação com a composição do cenário e a iluminação é favorável. A presença do repórter na cena dá movimento e ajuda a compor a imagem.

A Figura 7 referente à mesma reportagem mostra outra situação, dessa vez desfavorável com a entrevistada muito próxima ao computador, num enquadramento de baixo para cima com parte do rosto com sombra. Como a entrevistada ficou muito perto

<sup>6</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/>. Acesso em: 08/04/2021.



do equipamento os créditos foram colocados bem próximos a boca da entrevistada o que não até então não era recomendado.

**Fig. 7** – Entrevista Jornal Nacional – epidemiologista Pedro Hallal dia 08/04/2021.



Fonte: Imagem capturada na rede<sup>7</sup>

**Fig. 8** – Jornal Nacional - professora da UnB entrevista dia 08/04/2021.



Fonte: Imagem capturada na rede<sup>8</sup>

Na figura 9 o diretor da série *A corrida das vacinas*, Álvaro Pereira Filho falando com a repórter Graziela Azevedo sobre o programa. Dia 08/2021. A imagem retrata o distanciamento físico entre a fonte e o repórter.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/>. Acesso em: 08/04/2021.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/>. Acesso em: 08/04/2021.

**Fig.9** – Gravação de entrevista sobre série da Globo.



Fonte: Imagem capturada na rede<sup>9</sup>

A Figura 10 retrata o desapontamento do apresentador do telejornal local JA 1ª ed, da TV Anhanguera afiliada da Rede Globo com a conexão que cai antes mesmo de começar a conversa. Felizmente ela (a entrevistada) consegue restabelecer a conexão e a conversa começa. Dia 21 de abril. Tela dividida sem conexão.

**Fig.10** – Conexão cai antes da entrevista.



Fonte: Imagem capturada na rede<sup>10</sup>

A Figura 11 mostra que a conexão foi restabelecida rapidamente e a entrevistada, a superintendente da secretaria de saúde de Goiânia Flúvia Amorim

<sup>9</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/>. Acesso em: 08/04/2021.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/>. Acesso em: 21/04/2021.

fala de dentro do carro provavelmente com o telefone celular e dá as informações sobre as novas doses de vacina que devem chegar a Goiás pra dar continuidade a imunização. Essa entrevista é outra situação impensável pelos manuais de TV, mas totalmente aceitável diante das novas circunstâncias de trabalho com a pandemia.

**Fig. 11** – Entrevistada conversando com o apresentador de dentro do carro de forma remota.



Fonte: Imagem capturada na rede<sup>11</sup>

### Algumas considerações

O avanço tecnológico sempre esteve diretamente ligado a qualidade da imagem e do som captados para TV. No entanto a chegada da pandemia do novo coronavírus gerou novas reflexões sobre a importância das imagens na construção de um telejornal diário afetando principalmente entrevistas e reportagens.

A necessidade de veicular informações com rapidez e confiabilidade não mudou, mas foi preciso adequar às regras a realidade em que vivemos pois as imagens que estão disponíveis são outras. Uma vez que já não é possível estar próximo de entrevistado as emissoras precisam solicitar que o próprio entrevistado faça a sua gravação, e ele se torna seu próprio cinegrafista. Sem noções de planos ou enquadramentos, sem percepção sobre a iluminação ou de ângulo o entrevistado faz a captação da imagem dele. O entrevistado atua como o repórter “abelha”, descrito pelos autores Barbeiro e Lima (2002)

<sup>11</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/>. Acesso em: 21/04/2021.

O cenário na maioria das vezes é a casa do entrevistado, mas há casos de gravações até mesmo dentro do carro para melhorar a qualidade do som. A câmera deu lugar ao celular e por meio desse recurso grande parte dos entrevistados faz sua participação nos telejornais locais ou até mesmo nacionais. Outra opção são as chamadas de vídeo em uma das várias plataformas oferecidas pela internet. As mais comuns são Skype e Zoom. É preciso apenas uma conexão estável para garantir o material veiculado, o que nem sempre acontece, e falhas se tornam recorrentes, mas se incorporam a narrativa dos noticiários e âncoras. O que a linguagem na tela levou quase 50 anos para construir foi reconstruído em pouco tempo.

Fica claro que a pandemia desatualizou os manuais, uma vez que as reportagens e entrevistas mudaram radicalmente nos últimos dois anos, no entanto a linguagem visual da televisão continua em plena evolução

A força da imagem persiste na reportagem televisiva, mas a pandemia mostra que as possibilidades tecnológicas das quais a televisão se apropria tem formatado uma nova linguagem audiovisual, na qual o espaço doméstico e a apresentação dos entrevistados tronam-se, mas intimista. O menor controle da qualidade da imagem humaniza o entrevistado, mas também afeta a capacidade de entendimento dos conteúdos, uma vez que os novos recursos estão sujeitos a falhas, interrupção e a baixa qualidade na definição da imagem. Um novo telejornalismo- ou novos aspectos do telejornalismo- ganham destaque, em ações que buscam manter a qualidade da informação, mas também o status do veículo como principal meio de informação no Brasil.

## **REFERÊNCIAS**

BARBEIRO Heródoto. LIMA Paulo Rodolfo. *Manual de Telejornalismo: os segredos da notícia na TV*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002

BISTANE, Luciana. BACELLAR Luciane. *Jornalismo de TV*. São Paulo: Contexto, 2005.

COMO SURTIU O CORONAVIRUS E COMO AFETA A POPULAÇÃO MUNDIAL *Grupo Notre Dame Intermédica*. Disponível em: <https://www.gndi.com.br/saude/blog-da-saude/como-surgiu-o-coronavirus>. Acesso em 20/042021.

CURADO Olga. *A notícia na TV: O dia-a-dia de quem faz telejornalismo*. São Paulo: Alegro 2002.

MACHADO Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: Editora Senac, 2005.

MARCONDES FILHO, Ciro. *A Televisão*. São Paulo: Editora Scipione, 1994.

MEDIDAS ADOTADAS PELO GOVERNO FEDERAL NO COMBATE AO CORONAVÍRUS. *Casa Civil Presidência da República*. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2020/abril/medidas-adotadas-pelo-governo-federal-no-combate-ao-coronavirus-31-de-marco>. Acesso em 20/04/2021.

PATERNOSTRO Vera Iris. *O Texto na TV: manual de telejornalismo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.

REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*, São Paulo: Summus, 2000.

REZENDE, Guilherme Jorge de. 60 anos de jornalismo na TV brasileira: percalços e conquistas In: VIZEU Alfredo, PORCELLO Flávio, COUTINHO Iluska (orgs). *60 anos de telejornalismo no Brasil, história, análise e crítica*. Florianópolis: Insular, 2010.

TEMER Ana Carolina Rocha Pessoa. *Flertando com o caos: Comunicação Jornalismo e televisão*. Goiânia: FIC/UFG, 2014

VIZEU, Alfredo. CORREIA João Carlos. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referencia. In VIZEU Alfredo (org). *Sociedade do Telejornalismo*, Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.